

# CRISTIANISMOS, ESCRAVIDÃO E LIBERDADES

Experiências religiosas

**André Chevitarese**

**Flávio Gomes**

**(orgs.)**



*CRISTIANISMOS, ESCRAVIDÃO E LIBERDADES*

*Experiências religiosas*

Copyright © 2026 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **César Carvalho**

Revisão: **Samara dos Santos Reis**

Capa: **Delfin [Studio DelRey]**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

### **Selo Negro Edições**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.selonegro.com.br>

e-mail: [selonegro@selonegro.com.br](mailto:selonegro@selonegro.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 38659890

Vendas por atacado

Fone: (11) 38738638

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

## SUMÁRIO

|                                                                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Das experiências e religiosidades: por mais histórias . . . . .                                                             | 7   |
| <i>André Chevitarese e Flávio Gomes</i>                                                                                     |     |
| 1. O Brasil e a invenção dos cristianismos modernos: a experiência<br>histórica racializada. . . . .                        | 15  |
| <i>André Chevitarese, Daniel Brasil Justi e Kléber Lucas da Costa</i>                                                       |     |
| 2. Entre a fé e a cor: os fundamentalistas negros invisibilizados. . . . .                                                  | 35  |
| <i>Tayná Louise de Maria e Sérgio Ricardo Gonçalves Dusilek</i>                                                             |     |
| 3. Cruzes, capelas e santos: sobre alguns cristianismos nos quilombos<br>do Brasil escravista . . . . .                     | 51  |
| <i>Flávio Gomes</i>                                                                                                         |     |
| 4. A construção da experiência religiosa negra no Brasil: silêncios,<br>disputas e interpretações . . . . .                 | 69  |
| <i>Rogério José de Souza</i>                                                                                                |     |
| 5. Insígnias ebóreas: tráfico atlântico, escravidão, comércio de marfim<br>e catolicismo — Pernambuco, século XIX . . . . . | 87  |
| <i>Valéria Costa</i>                                                                                                        |     |
| 6. Protestantismo e escravidão no Brasil: uma história esquecida . . . . .                                                  | 103 |
| <i>Elizete da Silva</i>                                                                                                     |     |
| 7. Martinha, uma santa negra no Pará oitocentista . . . . .                                                                 | 127 |
| <i>Isadora Moura Mota</i>                                                                                                   |     |

8. Identidade e diversidade étnica nas irmandades negras no tempo da escravidão . . . . . 145  
*João José Reis*
9. Religiosidade e pensamento político radical no século XIX: o caso do Divino Mestre . . . . . 171  
*Marcus J. M. de Carvalho*
10. Hermenêuticas da liberdade: o pensamento presbiteriano e o abolicionismo brasileiro (1871-1888) . . . . . 195  
*Pedro Henrique Cavalcante de Medeiros*
11. Presbiterianos no processo de abolição em Minas Gerais: conflitos, práticas e sentidos da liberdade . . . . . 219  
*Juliano Custódio Sobrinho*
12. Rezas dos sertões: a cosmopolítica afro-indígena cristã no Caldeirão da Santa Cruz do Deserto . . . . . 237  
*Isabel Sant'Anna Andrade*

# DAS EXPERIÊNCIAS E RELIGIOSIDADES: POR MAIS HISTÓRIAS

ANDRÉ CHEVITARESE

FLÁVIO GOMES

O famoso quadro *Primeira missa no Brasil*, pintado a óleo por Victor Meirelles — uma original construção imagética a respeito não só da colonização do Brasil como do início do seu processo civilizatório —, já sugeria profundas conexões entre experiência religiosa cristã, poder político e eurocentrismo, elementos que ganhariam formas mimetizadas na historiografia.<sup>1</sup> Consta que a pintura foi realizada em Paris entre 1859 e 1860. Meirelles, pintor brasileiro, passava uma temporada longa na França, com uma bolsa de estudos concedida pela Academia Imperial de Belas Artes.<sup>2</sup> Em tela grande (268 cm × 356 cm), inspirada pelos relatos do “descobrimento” — a conhecida carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, de 1500 —, a obra projetava esteticamente a consolidação de um *Estado Nacional* diante de identidades pretéritas, no caso, as referidas conexões com exaltações de heroísmo e natureza: a experiência religiosa cristã estava na base da formação colonial.

O caráter litúrgico — para além dos padrões europeus — do *evento*, narrado numa fonte textual, e as alegorias desenhadas procuravam sentidos nacionais quase a-históricos, considerando os séculos que separavam a etapa colonial quinhentista daquelas da segunda metade dos Oitocentos. Estávamos diante de um Império que projetava imagens de destino manifesto de um *povo*. Em 1861, o quadro foi apresentado no Salão de Paris — aliás, ele se tornou a primeira obra brasileira apresentada em uma exposição internacional.<sup>3</sup> O próprio Meirelles ganhou destaque com o cargo de professor honorário da Academia de Belas Artes, recebendo a comenda de Cavaleiro Imperial da Ordem da Rosa.

Abordagens sobre as representações estéticas da tela *Primeira missa no Brasil* mereceram análises que explicavam a organização circular do evento-ritual, a figura do frei Henrique de Coimbra, os gestos diante do cálice e as intenções de portugueses ajoelhados no chão *versus* povos originários (alguns conversando) entre árvores, ambiências superpostas que mesclavam estranhamento, louvor, respeito, surpresa e harmonia.<sup>4</sup> A representação projetaria o caráter da colonização e o suposto papel cristão fundamental.<sup>5</sup>

Escolhendo fatos e pronunciando silêncios, tal alegoria sobre o *cristianismo* e uma dada formação nacional ganharia formas historiográficas: tanto aquelas que reproduziram leituras da colonização, passando pelas primeiras levas de catequese, trabalho compulsório e conversões, como as abordagens sobre irmandades, devoção aos santos e festas religiosas. Assim, cristianismo, escravidão, colonização e *nação* conheceriam análises que misturaram *temporalidades*. Mas de quais *cristianismos* estaríamos falando? Como eles chegavam (e foram por eles absorvidos) aos aldeamentos e até mesmo às unidades produtivas que alinharam conquistas, lucros, violências, ganância, povos originários e africanos escravizados? Como invadiram senzalas e casas-grandes, e mesmo edificações imateriais visando à exploração colonial? Como operaram nos núcleos dos séculos XVI e XVII? Como foram interiorizados por meio da pecuária e depois da mineração na Bahia, em Goiás e principalmente em Minas Gerais no século XVIII? Como foi na Amazônia e em seus entornos atlânticos? E a inundação deles nas maiores cidades oitocentistas, como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Luís, Porto Alegre e Belém?

O fato de tais *cristianismos* serem múltiplos foi amplamente demonstrado por uma inflexão historiográfica a partir do último quartel do século XX, que apresentou um cardápio de morfologias religiosas, sobretudo do fim do século XVI até a primeira metade do século XVIII — especialmente considerando a documentação das Visitações Inquisitoriais.<sup>6</sup> Já no século XXI, pesquisas históricas voltadas para as experiências religiosas demonstraram que elas não deveriam ser lidas como estruturas fixas no tempo e no espaço, na medida em que se encontravam em constante movimento. O próprio conceito de “experiência”, quando aplicado à religião, inseria-a no âmbito sociopolítico, econômico e cultural em que ela — seja o nome que a religião possa ter — se transforma todos os dias para continuar sendo o que sempre foi. Aliás, quem lhe dá tal transformação é o próprio ser humano, que todos os dias se transforma para continuar sendo o que sempre foi.<sup>8</sup> Além disso, o próprio conceito de experiência religiosa reforça historicamente que nenhuma religião desceu do céu para a terra, mas percorreu o caminho inverso: subiu da terra para o céu. Implica dizer: são os seres humanos que as constroem todos os dias; são eles que a todo momento ressignificam os mitos, os ritos e os cultos religiosos.

No Brasil, houve uma explosão de importantes investigações que analisaram os *sentidos imperfeitos* dos *cristianismos/catholicismos* que desembarcavam nas Américas e, mais ainda, as formatações — a perspectiva da hibridez — coloniais, nas quais signos, devoções, símbolos e crenças foram inventados e se proliferaram num movimento sem fim. A despeito da importância de tais contribuições — e de seus frutos renovados —, vários espaços ainda permaneceram em parte silenciados, em especial nas esferas mais interiores, nas quais as expectativas complexas de poder e domínio colonial atravessavam

fronteiras e deparavam com diversidades. Os significados das religiosidades (também da morte) para as populações originárias e as africanas, e mais ainda dos *cristianismos*, permanecem abertos a novas e renovadas pesquisas.<sup>9</sup> Como e quando diferentes coletividades africanas e populações originárias entraram em contato com os *cristianismos* desde o século XV?<sup>10</sup> Quais foram as transformações dessas crenças no mundo escravista? Quando e como aconteceram mudanças? E no alvorecer da pós-emancipação?<sup>11</sup>

Importantes análises sobre a existência de um *catolicismo popular* muitas vezes procuraram atalhos e homogeneizações religiosas, caindo em armadilhas cronológicas e até mesmo em generalizações que naturalizaram (ou desconhecaram) processos com base nos quais as religiosidades acabariam forjadas. Falamos de quais espaços, quais tempos e quais sentidos?

Esta coletânea oferece um painel das religiosidades cristãs no Brasil escravista, alcançando as primeiras décadas do século XX. Não se trata de uma abordagem sobre a Igreja Católica e a escravidão, tema importante com clássica e abundante reflexão historiográfica.<sup>12</sup> Por isso, a perspectiva plural e complexa de *experiências religiosas* merece destaque. Nunca como meros reflexos da economia, nem apenas como reação às formas de exploração ou expectativas ideológicas de projeto de poder e dominação, diversos sujeitos interpretaram (fizeram propriamente) a história vivida, articulando interesses, percepções e motivações. Menos como prescrições teóricas ou metodologias laudatórias, consideramos úteis tais perspectivas como ferramentas para a interpretação das religiosidades. Elas foram fundamentalmente experimentadas como formulações mentais e físicas, no caso, práticas, desejos, necessidades e expectativas materiais e imateriais.

A ideia central deste volume foi reunir ensaios e pesquisas para pensar as experiências religiosas cristãs no Brasil, articulando escravidão, raça e pós-emancipação. Vale destacar que fomos também estimulados por um projeto editorial anterior. Em 2016, lançamos (em co-organização com Valéria Costa) a coletânea *Religiões negras no Brasil — Da escravidão à pós-emancipação*, reunindo clássicos da temática. Gabriela Sampaio, João Reis, Lisa Castillo, Luís Nicolau Parés, Luiz Mott, Mundicarmo Ferretti, Nilma Teixeira Accioli, Sérgio Ferretti e Ulisses Rafael, entre outros, apresentaram ensaios originais analisando diversas *religiosidades negras* (assim denominamos para sublinhar aspectos africanos e afro-brasileiros das invenções) na escravidão e pós-emancipação. Não foi difícil verificar — como em quaisquer recortes — que não só existiam ausências como faltavam experiências cristãs, muitas das quais inéditas ou pouco conhecidas. Daí partiu esta coletânea, nunca propondo reflexões únicas sobre formas de cristianismo, do colonial ao início do século XX, mas sugerindo fotografias de signos, símbolos e interpretações cristãs que apareceram também — não exclusivamente — cercadas da escravidão e do racismo. Como surgiram? O que mobilizaram? O que podem revelar?

E não se trata de prometer explicações bem-intencionadas sobre uma única *cristandade popular*. Menos ainda de oferecer autoengano diante de tentativas de revelar sincretismos generalizantes e quase sempre lineares de muitas abordagens. Ao contrário, pretende-se reconhecer experiências religiosas, sempre contextualizadas com base empírica e em ensaios críticos.

O ponto de partida sugere ajustes para avaliarmos os “cristianismos modernos”, no caso, narrativas que racializaram fé, devoção e espiritualidades de coisas e pessoas. André Chevitarese, Daniel Brasil Justi e Kléber Lucas da Costa exploram capítulos das histórias dos *cristianismos europeus modernos*, identificando hegemonias ancoradas na ideia de “civilização ocidental”, com base na qual política, ciência e religião se articularam como projetos de poder. Partindo de movimentos sincrônicos e diacrônicos, analisam como foram operadas racialmente narrativas, dogmas e doutrinas nos quais pressupostos criacionistas e evolucionistas se alternavam. Conceitos sobre o “Mito de Cam” eram transformados em justificativas religiosas quase como suportes jurídicos que autorizavam conquista e exploração. Houve mesmo traduções discursivas com base nas quais aspectos teológicos foram deliberadamente racializados. Tal modernização obedecia a interesses e usos diversos: representações imagéticas transformaram Jesus em “branco de olhos e cabelos claros”. Das bases religiosas, passando pelo darwinismo social e pela ressignificação de uma política de branqueamento, verifica-se a montagem racializada do Ocidente, na qual elementos religiosos e científicos se entrelaçam com menos oposição entre fé cristã e ciência, que por sua vez definiam raça e civilização.

Reconstruindo tradições discursivas, Tayná Louise de Maria e Sérgio Ricardo Gonçalves Dusilek auscultam os caminhos dos fundamentalismos cristãos que podem ter sido operados no Brasil. Não se tratou de traduções diretas, mas de reelaborações em contextos de escravidão e exclusão racial. Emergiram discursos religiosos que chegaram a negar as desigualdades e diferenças. Com base em textos sagrados, ideais modernizantes e interpretações ajustadas ganharam força no Brasil. No caso, um modelo de fundamentalismo cristão de matriz norte-americana branca, que naturalizou hierarquias raciais e sociais da escravidão à pós-emancipação, definindo noções de mal, bem, raça e cor. Reproduzia-se racismo religioso em uma estrutura teológica fundamentalista, entre os cristãos de origem europeia e aqueles de origem africana, em geral enquadrados como inferiores na cor, na fé e na raça. Ao contrário dos Estados Unidos, não se tem notícia no Brasil da emergência de um fundamentalismo negro que poderia ter reproduzido discursos em oposição.

As experiências religiosas alteraram discursos — mais que isso: devoções e crenças imperfeitas/incompletas. Elas não fugiram nem se esconderam, mas invadiram os qui-

lombos e mocambos. Flávio Gomes os revisita em várias partes do Brasil para localizar cruzeiros, capelas e santos encravados entre africanos, indígenas e descendentes de ambos. Quase sempre apresentados como espaços de retenção cultural africana no Brasil escravista, nos quilombos surgiriam também estruturas religiosas de base cristã, que poderiam estar incluídas tanto nos *cristianismos* de Áfricas pré-coloniais — dos séculos XV ao XVIII — como nos processos de *crioulização* nas Américas.<sup>13</sup>

Originalidades e surpresas dessas evidências cristãs nos quilombos são acompanhadas por um ensaio que reflete sobre a possibilidade de se pensar a “experiência religiosa negra” no Brasil e seu processo histórico. Rogério José de Souza aborda os movimentos construtivos de tal ideia, destacando as escolhas e os descartes nas interpretações históricas e antropológicas. Para além de silêncios e disputas, margens foram ampliadas ou tornadas estreitas.

Em mares históricos agitados, a procura de portos seguros analíticos nem sempre é a solução. Com Valéria Costa, embarcamos e desembarcamos em outros portos interpretativos. Em 1853 — na mais plena ilegalidade do tráfico atlântico de africanos escravizados —, identificamos a travessia também de marfim, que orientava demandas religiosas, especialmente crucifixos e cruzeiros, conectando comércio, escravização e reconstruções religiosas católicas. Além de almas (e corpos), carregavam-se materiais para edificar a fé e ajudar nas orações, numa cultura material ainda pouco conhecida das ambiências africanas e crioulas de cidades atlânticas, como a Recife oitocentista. A historiadora perscruta fontes diversas — testamentos, notícias marítimas e arte sacra — para localizar a circulação de produtos e considerar as bases de um *catolicismo negro* que emergia na demanda e no uso de insígnias religiosas.

No Brasil escravista, as dimensões cristãs não foram exclusivamente católicas, assunto ainda pouco estudado. A primeira convocação para o tema vem de Elizete da Silva, que oferece um panorama sobre protestantismo e escravidão no Brasil. Como ele aparece? Onde? Quais são as possibilidades de entender as experiências cristãs não católicas, totalmente invisibilizadas? Certamente elas negaram os santos e suas imagens, justamente o que não faltou no Brasil da colonização, da escravidão e da pós-abolição.

Isadora Moura Mota nos leva para a Amazônia, mais especificamente para a região do Baixo Tocantins, província do Grão-Pará, não muito distante de Belém. Tudo para conhecermos Martinha, uma santa negra. Na verdade, Martinha era uma escravizada de 18 anos classificada como parda. Para espanto e depois devoção de todos ali, ela estaria possuída pelo espírito de sua senhora, Maria do Nascimento dos Santos, que tinha morrido sem confessar seus pecados — portanto, sem salvação. Conheceremos lugares de possessões, curas, mortes, exumações e milagres, nos quais cativeiro, liberdade, epidemias, sevícias, alforria, pecados e castigos vão se misturar. E não pre-

cisamos de panteões de santos negros no Brasil, pois não lhes faltam significados permanentemente atualizados em devoções que se espalham — no sagrado e no profano — por toda a parte.<sup>14</sup>

Não faltando ovelhas e pastos para arrebanhar credos, será sempre importante falar de espaços e biografias. E assim a coletânea os encontra: com a reedição de um texto clássico, retomamos caminhos religiosos. Símbolos das transformações católicas com plataformas urbanas e africanas, as *irmandades negras* são um tema de referência na história social da cultura e das mentalidades do mundo colonial.<sup>15</sup> Numa perspectiva instigante, João José Reis as apresenta como territórios étnicos ampliados que refaziam permanentemente alianças, conflitos, projetos, recordações e esperanças. Em seu texto aparecerão algumas formulações iniciais da ideia de *guarda-chuva étnico*, sugerindo a força e a doçura da força<sup>16</sup> das irmandades negras baianas, que incluíam suas perspectivas católicas ecléticas. Já Marcus J. M. de Carvalho apresenta um personagem religioso cristão muitíssimo original. Apelidado por um viajante inglês de “Lutero Negro”, tratava-se de Agostinho José Pereira, também chamado “Divino Mestre”. Desde meados da década de 1840, ele era acusado de fazer pregações religiosas e ter mais de duas centenas de seguidores em Recife. Homem negro e com trajetória militar, foi preso e com ele apreendidos textos e livros, sendo o principal deles chamado de “ABC”, no qual, aliás, mencionava-se a experiência do Haiti. As acusações de cunho religioso também pesaram sobre ele, sobretudo aquelas de pregar por meio de suas próprias “escrituras”, e de que Deus/Jesus não tinha a cor branca, mas era “acaboclado”. Garantia que Deus tinha “linda nobre cor morena”, que “no princípio do Mundo” os “Reis eram morenos” e que ele seria “a favor da cor morena do verdadeiro Messias”.

Dimensões evangélicas do cristianismo oitocentista aparecerão nos dois capítulos seguintes. Pedro Henrique Cavalcante de Medeiros analisa o movimento abolicionista à luz dos jornais evangélicos do Rio de Janeiro. Seu ponto de partida são as publicações feitas no jornal *Imprensa Evangélica*, órgão da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil, no último quartel do século XIX. Também por meio de panfletos e opúsculos impressos, analisa as ideias protestantes antiescravistas enquanto retóricas abolicionistas mobilizadas no vocabulário político dos jornais. Passando para a província de Minas Gerais, Juliano Custódio Sobrinho investiga as trajetórias da missão presbiteriana que percorreu o sul mineiro. Emergem personagens como Eduardo Carlos Pereira e Antônio de Pádua Dias, seus discursos e as comunidades presbiterianas nas cidades de Caldas, Cabo Verde e Campanha. O pesquisador se aprofunda nas interfaces entre protestantismo, escravidão, abolicionismo e abolição em Minas Gerais.

*Cristianismos, escravidão e liberdades* termina com a fé em alta, com direito a ladainhas, procissões e muita reza. Isabel Sant’Anna Andrade nos apresenta o movimento

religioso messiânico no sertão do Ceará. Em Baixa Dantas e Caldeirão da Santa Cruz do Deserto — comunidades do Cariri —, emergem perspectivas religiosas com influências cristãs, indígenas e africanas, que traduziram igualdade, solidariedade e práticas comunistas. Sob a liderança de José Lourenço, uma cosmopolítica afro-indígena aliou trabalho, acesso à terra e força espiritual, incluindo símbolos, santos e devoções católicas reinventadas de liberdade e comunhão.

O mar da história — com ou sem religiosidades, não só as cristãs — sempre foi agitado, e muitas ondas vieram e virão. Na escravidão e depois dela, crenças nunca deixaram de ser criadas, enquanto deuses nunca descansaram, continuando a esperar por sementes e colheitas. Mais do que compaixões e tolerâncias, precisamos também testar — menos com confiança absoluta — abordagens, análises, interpretações e reflexões. Tudo e todos continuarão sendo *experiências*.

\*\*\*

Em termos editoriais, esta coletânea também tem sistema de crença próprio e merece devoção intelectual. Agradecemos ao Grupo Editorial Summus, à Selo Negro Edições e a Soraia Bini Cury por abraçar o projeto e suas necessidades temporais. Gratidão sem fim aos autores dos capítulos pela confiança depositada. Caminhamos juntos em todo o percurso. Dedicamos esta coletânea, em especial, aos alunos, pesquisadores, orientandos e professores que nos acompanham há mais de duas dúzias de anos na graduação e pós-graduação do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Lá, e sob a nossa coordenação — Laboratório de História das Experiências Religiosas (LHER) e Laboratório de Estudos de História Atlântica (LEHA) —, eles desenvolvem investigações, têm aulas e participam de seminários nos quais muitas das perspectivas que aparecem neste volume continuam sendo experimentadas academicamente. De algum modo, eles convertem e são convertidos pela pesquisa e pela reflexão histórica.

## Notas

- 1 BOXER, C. R. *A Igreja militante e a expansão ibérica, 1440-1770*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Reflexões imagéticas coloniais são discutidas em: GRUZINSKI, S. *A guerra das imagens — De Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- 2 ROSA, A. P.; PEIXOTO, E. R. “Biografia”. In: ROSA, A. P. et al. (orgs.) *Victor Meirelles de Lima, 1832-1903*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p. 30-32; e MELLO JÚNIOR, D. “Temas históricos”. In: ROSA, A. P. et al. (orgs.) *Victor Meirelles de Lima, 1832-1903*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p. 56 e 59.
- 3 SANTOS, R. “A Primeira Missa e a reprodutibilidade da imagem”. In: TURAZZI, M. I. (org.). *Victor Meirelles — Novas leituras*. São Paulo: Nobel, 2009. p. 132.
- 4 RAMINELLI, R. J. *Imagens da colonização — A representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

- 5 COLI, J. “Primeira Missa e invenção da descoberta”. In: NOVAES, A. (org.). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 107-121.
- 6 O estudo clássico foi: SOUZA, L. de M. e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz — Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- 7 Ver THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 141-166 e 250-279.
- 8 Ver SAHLINS, M. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- 9 Para as concepções de morte e formas religiosas europeias e africanas, ver REIS, J. J. *A morte é uma festa — Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- 10 SOUZA, M. de M. e. *Além do visível — Poder, catolicismo e comércio no Congo e Angola (séculos XVI-XVII)*. São Paulo: Edusp, 2018; SOUZA, M. de M. e. “Os diferentes espaços ocupados pelo catolicismo no antigo Congo”. In: GIACOMAZZI, G. dos S.; MACEDO, J. R.; Baldé, S. (orgs.). *Sociedades africanas — Religiosidades, identidades, conexões globais*. Recife: Edupe, 2024. p. 80-100; SOUZA, M. de M. e. “Usos e significados do Nkangi Kiditu no Congo cristão, séculos XVI-XVIII”. In: SANTOS, V. S.; SYMANSKI, L. C. P.; HOLLI, A. (orgs.). *Arqueologia e história da cultura material na África e na diáspora africana*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 215-232.
- 11 Algumas reflexões pioneiras baseadas em transformações religiosas cristãs dos escravizados e nas senzalas surgem nos estudos de Robert Slenes. Desse autor, ver: “A Árvore de Nsanda transplantada: cultos Kongo de aflição e identidade escrava no Sudeste Brasileiro (século XIX)”. In: LIBBY, D. C.; FURTADO, J. (orgs.). *Trabalho livre, trabalho escravo — Brasil e Europa, séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 273-314; “Saint Anthony at the crossroads in Kongo and Brazil: ‘Creolization’ and identity politics in the Black South Atlantic, ca. 1700-1850”. In: BARRY, B.; SOUMONNI, É.; SANSONE, L. (orgs.). *Africa, Brazil and the construction of Trans-Atlantic black identities*. Trenton: Africa World Press, 2008. p. 209-254.
- 12 Para uma visão católica ver, entre outros, alguns textos mais antigos de referência em: AZZI, R. *A cristandade colonial — Um projeto autoritário*. São Paulo: Paulinas, 1987; BEOZZO, J. O. “A Igreja e a escravidão”. In: HAUCK, J. F. et al. *História da Igreja no Brasil — Ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda Época — século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2008; e HOORNAERT, E. *A Igreja no Brasil-Colônia — 1550-1800*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. Perspectivas mais críticas e atualizadas apareceram em: ZERON, C. A. de M. R.; DIAS, C. L. “A Igreja e a escravidão no mundo atlântico — Notas historiográficas sobre a doutrina católica no mundo moderno e contemporâneo”. *Portuguese Studies Review*, v. 25, n. 2, p. 85-106, 2017.
- 13 Ver PRICE, R. “O milagre da crioulação — Retrospectiva”. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 25, n. 3, p. 383-419, 2003; e TROUILLOT, M.-R. “Culture on the edges — Creolization in the plantation context”. *Plantation Society in the Americas*, n. 5, p. 8-28, 1998.
- 14 MOTT, L. *Rosa Egípcia — Uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993; SOUZA, J. B. A. de. “Mãe negra de um povo mestiço — Devoção a Nossa Senhora Aparecida e identidade nacional”. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 85-102, 1996.
- 15 OLIVEIRA, A. J. M. *Devoção negra — Santos pretos e catequese no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2008; REGINALDO, L. “Rosário dos Pretos e São Benedito e Quissama — Irmandades e devoções negras no mundo atlântico (Angola e Portugal, século XVIII)”. *Studia Historica: Historia Moderna*, v. 1, p. 123-151, 2016.
- 16 Ver SILVEIRA, R. da. “Pragmatismo e milagres de fé no Extremo Ocidente”. In: REIS, J. J. (org.). *Escravidão e invenção da liberdade — Estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 166-197; e SILVEIRA, R. da. *La force et la douceur de la force — Structures et dynamisme afro-brésilien à Salvador de Bahia*. Tese (doutorado em Antropologia) — Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1986.

# 1 O BRASIL E A INVENÇÃO DOS CRISTIANISMOS MODERNOS: A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA RACIALIZADA

ANDRÉ CHEVITARESE

DANIEL BRASIL JUSTI

KLÉBER LUCAS DA COSTA

Por se tratar de um tema complexo e, ao mesmo tempo, amplo, já que envolve uma plêiade de desdobramentos, não é tarefa simples decidir por onde começar esta análise. Assim, opta-se por iniciá-la jogando luz em dois poderosos vetores temporais — sincronia e diacronia — que se interpenetram, mantendo uma comunicação ininterrupta entre si. O entrecruzamento entre eles é condição *sine qua non* para a compreensão da disseminação de um número infinito de ideias. Interessa-se aqui por aquelas que, logo após terem sido implementadas, surtiram efeitos tão radicais que as sociedades que as experimentaram nunca mais foram as mesmas. Tais ideias podem ser assim sistematizadas: hierarquia racial dos seres humanos, racismo e eugenia.

Para efeito do que se procura aqui analisar, a ênfase recairá sobre a Europa Ocidental<sup>1</sup>, que da segunda metade do século XV em diante emerge como força tão poderosa que, menos de um século depois, já exercia papel hegemônico mundial (ao menos na porção ocidental do globo terrestre). Admite-se também aqui que a hegemonia europeia foi estruturada sobre a ideia de “Ocidente” ou de “civilização ocidental”, cujo alicerce repousava na perfeita simbiose entre política, ciência e religião. Ao fim e ao cabo, a junção entre os três elementos foi responsável pelo projeto (consciente!) europeu de domínio, pilhagem, assassinato e, acima de tudo, de estabelecimento da escala de humanidade a que cada indivíduo esteve submetido.

## Sincronia e diacronia: eixos possíveis de análise

A diacronia<sup>2</sup>, tomada como o primeiro vetor temporal, age na longa duração histórica. Observa-se, no seu interior, da segunda metade do século XV em diante, como a política, a ciência e a experiência cristã europeias ganharam dimensão mundial. Cabe aqui ressaltar quão decisivas elas foram, especialmente ao considerar as relações metrópole